

*(confusa, começa de forma suave)*

*(pausa)*  
*(a própria Simone também está com frio e bate os dentes)*

*(espécie de ironia)*

*(fúria porque o cão não se cala)*

Estava ali.  
Sentia-me finalmente, passado todo este tempo!  
Estava ali...

Sentia frio. Sentia muito frio. Mas não era eu. Olhava as minhas mãos e eram as minhas, olhava as minhas pernas e eram as minhas, o pensamento era o meu, mas não era eu.

Estava ali, a olhar-me e a não me reconhecer mesmo sabendo que não podia ser outrem... Estava mesmo gelada... Ela batia os dentes...  
Mandava um bafo malcheiroso para as mãos na esperança de as ver aquecidas, mas era impossível!  
Estava um gelo ali dentro...

Quem diria... numa estufa!

E não se calava!  
O cão...  
Havia um cão. Não se calava...  
Ela gritava para ele se calar, mas ele continuava a ladrar e a arranhar o pano que estava entre nós.  
Estúpido do cão...

Talvez fosse a única forma que tinha de se aquecer, também... Coitado.

Estava cheia de frio... E ela... ela estava toda rota, maltratada.  
Nunca a tinha visto...

*(indecisão)*

*(com frio)*

*(o som começa a aumentar como se não conseguisse perceber se queimava de frio se de calor)*

*(pausa)*

*(repentino, de repente percebeu que estava a arder)*

*(som do fogo)*

*(grito de pânico, forte, assustado)*

*(pânico persiste, mas já não grita)*

*(está agitada e fala rápido, nervosa e assustada)*

*(aqui ela fala de forma relaxada como se fosse narradora, já não está a viver o momento)*

*(pânico)*

Era eu, mas não era...

Ela estava sozinha. Completamente sozinha...

Tanto andou que se perdeu!

Perdeu-se de si mesma... deve ter ficado no sítio onde ficou a bota do pé esquerdo. Ambas péssimas perdas.

Uma porque deixa um pé à mostra por entre um rasgão da meia, a outra porque deixa um corpo à mostra por entre um rasgão da alma.

O frio queimava...

Queimava.

Queimava!

Ah!

O cheiro a queimado...

Aquele laranja, laranja forte e agitado, aquela onda quente que se alastrava a cada grito...

O estalar da madeira, o pó no ar que vendava, que não deixava ver a rua.

O estrondo do teto a desabar, a cair sobre o nosso corpo!

AAAAAAAAAAH!

*(o silêncio é no fundo uma espécie de oxímoro, na verdade o silêncio era um barulho ensurdecedor, a expressão tem que ser de quem está a ouvir muito barulho e não silêncio)*

*(há uma mistura de tons entre narrador que vê de fora e Simone que está no meio do incêndio)*

*(som de respiração inicialmente agitada que vai acalmando)*

*(Simone acalma-se, o tom muda, há tristeza, tom paternal)*

*(sentimento de impotência, os sentimentos estão muito à flor da pele)*

*(tom já próximo da exaltação que vem a seguir)*

*(volta a estar exaltada, pânico, tom assertivo)*

As chamas devolviam-lhe os gritos! O silêncio! O silêncio ensurdecedor!

A aflição... a aflição era tanta e a saída parecia tão longe.

Ah! Ver-te aí e não te poder dizer que tens que ir embora...

Depressa...!  
O mais cedo possível.

Foge! Foge daí!

*(alguma confusão)*

*(desilusão)*

*(parece refletir sobre a expressão)*

*(frustração)*

*(imita o vagabundo mas não necessariamente a voz, é mais a entoação que se altera do que a voz em si)*

*(retoma o seu tom)*

*(escárnio, nojo, revolta)*

Ele estava a falar dela...  
Dizia que a tinha encontrado?  
Que ela lhe metia nojo, de tão baixo que havia descido.

Eram as mesmas, as perguntas que tínhamos, as interrogações que persistiam em ficar.

“Até me enoja”  
“Até me enoja”  
“Até me enoja”  
As suas palavras ecoavam em mim, como se fossem minhas. Eram também minhas.

Ele não a conhecia. Mas sabia bem quem era. O medo, o nojo, o nojo que lhe metia medo...  
A mim, a mim só me deixava mais e mais frustrada.

Via tudo a andar à roda, mas não conseguia perceber porquê.  
Quem era aquela gente que estava à sua volta? Com que gente se dava ela? Que figuras eram aquelas?

E o meu corpo mexia-se, sem saber porquê.  
E aquele vagabundo, aquele vagabundo imundo que foi capaz de dizer:

Ele deitou fogo àquilo, e ela deu de frosques.  
Era uma boa foda! Podia ter feito dinheiro com ela.

Fazer bom dinheiro comigo? Comigo?! Quem é que ele pensa que eu sou?

Que porco... Que homem é este?

*(revoltada, indignada)*

*(com desdém)(frustrada)*

*(quase a ofender)*

*(confusão)*

*(som do vento e do passar dos carros)*

*(pausa)*

*(frustrada)*

E ainda foi capaz de dizer que tinha um bom cu e era uma boa foda?!

Se me enoja...Como não conseguia ela ver nada disto, mas ver tudo à roda, apenas?

E ela ali continuava!, a ver o mundo entre soluços, gargalhadas e goles de vodca... ridícula!

Vento... agora ouvia-se o vento.

Ouvia-se o som do vento nas árvores, mas essencialmente o vento que tentava travar os carros:

Vziuuuum Vziuuuum....

Ela andava de um lado para o outro. Afrita. A tensão acumulava-se a cada carro que passava e não parava.

O braço continuava a levantar-se sempre que ao longe se avistava um movimento mecanizado, deplorável.

Eu já desistia.

Esta viagem parecia não ter fim. Estas imagens, estes sons, estas sensações, não tinham fim!

*(enumeração exaustiva)*

*(pausa longa)*  
*(Relata uma visão que está a ter, mas sem perceber bem o porquê daquelas imagens de repente)*

*(pausa)*

*(tom declarativo/informativo)*

*(surpreendida por não corresponder ao seu nome)*

*(pausa)*

*(desabafo)*

A casa era grande. Luxuosa, para o que estava habituada, de qualquer forma. Vestir o avental foi fugir da realidade.

Mas foi só mais uma paragem.  
Mais um favor.  
Mais um desrespeito e mais uma expulsão.  
Mas ela não se importava. O seu teto era o céu.

Agulha no braço. Dois pacotes de polpa de maçã.

Gostou dela, Assoun. E ela dele. Revelou o seu nome pela primeira vez.

Mona.

Mona?

Sentiu-se desejada. Nos olhos dele viu esperança e preocupação. No jantar que lhe fez, viu conforto.

Ela trabalharia com ele no campo de batatas e ele cuidaria dela. Foi o que disse. Mas naquele aglomerado de testosterona não havia espaço para bons corações.

Rejeitada. Não teve opção senão ir embora.

O patrão demonstrou a sua pena e preocupação mas a pena não salva vidas.

Não que ela pudesse ser salva. Era já tarde.  
Para trás ficou também o cachecol. Vermelho. De uma cor viva, muito viva.  
E ela morreu, mais um pedacinho.

*(pausa longa)*

*(Relata uma visão que está a ter, mas sem perceber bem o porquê daquelas imagens de repente)*

*(pausa)*

*(tenta imitar a senhora)*

Não deixo de me questionar como é que as pessoas conseguiam com o cheiro dela. Intragável. Talvez vissem nela espaço para uma boa ação. Talvez o fizessem por si, pelo seu ego. Não por ela. Nunca por ela.

De qualquer forma, a sua história comovia. A Sra. Landier ficara comovida.

Pedia ao rapaz que a encontrasse. Os remorsos eram demasiado pesados para aquela mulher frágil. Deixara a rapariga cujo nome desconhecia ao pé de um depósito de água.

Estaria a Sra. Landier perante o espírito livre que nunca tinha sido? Havia um certo fascínio pelo desaparego. Pela rebeldia. Mal sabia ela... mal sabia ela das consequências.

O seu caminho passava por umas obras. Não falou com ninguém. Ninguém lhe falou. Era um fantasma. Era já um fantasma. Aqueceu-se na fogueira e seguiu. Sozinha. Sempre sozinha.

Umhas botas gastas.  
O fecho já não corria.  
No saco um M.  
M. M. M.  
M de Mona?!  
E resumia-se àquilo, ela.

No interior do carro da Sra Landier o cheiro ocupava mais espaço que as suas roupas e malas sujas. E ela, a que depois a abandonara, não dizia nada...

O seu carro foi casa. A conversa, a comida, a atenção. Afinal sentia falta de casa. Ou se calhar não...

Esta senhora, não sei de onde veio. Não sei onde a viu. Mas, estranhamente, gostou dela.

Ela tem personalidade. Sabe o que quer.

*(revoltada)*

*(revolta continua, como se estivesse a argumentar)*

*(revolta em ascensão)*

*(tenta imitar o pastor)*

*(apercebe-se de que devia mesmo ter voltado para trás)*

Ela sabe lá aquilo que já me passou diante dos olhos, e só em memórias...  
Ela não sabe o que quer... Ninguém sabe!

Este sim, sabia do que falava. Vivia do que a terra lhe dava.  
Tentou corrigi-la. Mas ela era uma besta firme. Um animal indomável. Uma interesseira!

Porquê que não o ouves?? Porquê que só te ouves a ti?? Ouve-o! Salva-te!!!  
Ele disse:

Escolhes a liberdade absoluta mas ficas com a solidão absoluta.  
Chega o momento em que, se prossegues, destróis-te.  
É a via da destruição.  
Se queres viver, páras.

Devia ter voltado para trás...

Mas ela só dormia. Roubava queijo. Aproveitava-se do espaço que lhe tinham dado. Aproveitava a privacidade que escasseava. E foi mandada embora. Claro, mais uma vez...

*(retoma o assunto, como se se tivesse voltado a lembrar do motivo da revolta)*

*(raiva que se transforma num choro e tristeza profunda)*

*(ironia)*

*(chateada por ela conseguir tudo o que quer)*

*(pausa)*  
*(lembrança)*

Pelos vistos estive numa galeria com um rapaz. David julgo eu.

Outro vagabundo. Qual deles o pior. Mas a porca nem gostava dele... Queria a erva, queria a música. Quando deu para o torto, nem pensou duas vezes. Fugiu. Vivia pelas leis da selva, ela.

Foi a vida que escolheu... foi a vida que escolheu...

O senhor da oficina é que tinha razão! Desde o princípio! Ele é que tinha razão!

Vagabunda, preguiçosa, vadia!! Vagabunda! Preguiçosa, Vadia! Vagabunda, preguiçosa, vadia!!  
Vagabunda! Preguiçosa,  
Vadia...

É tão fácil aproveitar a gentileza dos outros.

E ele dá-lhe uma sanduíche.

Naquela noite já estava esgotada.  
Depois de mais um dia a andar montava ali a tenda sem saber onde.  
Não interessava.  
Fazia novamente frio mas o corpo já se habituara.

Irónico, não é? Que tenha dormido num cemitério.  
Talvez já estivesse morta e só não o sabia.

O cemitério deu-lhe onde dormir e o poço dava-lhe o que beber.

*(pausa)*

*(como se tivesse aparecido agora uma nova memória)*

*(revoltada)*

Lembro-me do olhar da rapariga da casa do poço.  
Não sei como explicar, mas senti que ela a invejava, a si e à sua liberdade, se isso lhe podemos chamar.  
Não te enganes como me enganei.  
Isso não é ser livre...  
Isso não é ser livre...

E aqui se estendia o braço pela primeira vez, à procura de boleia. Foi aquele primeiro homem que falou sobre o quão vazias as estradas eram durante o Inverno. Parecia simpático, inofensivo...

Tretas! Outro porco aproveitador.

Pedi-lhe para ligar a rádio a certa altura e disse-lhe que não... a não ser que fossem para a parte de trás do carro. Este não dava boleias gratuitas.  
Mergulhou num sono profundo.  
Não ouviu nada.  
Estava numa casa prestes a cair abaixo.

Teve sorte que a encontrassem... podia ter morrido...

*(todo este episódio é lento, introspectivo, é o retorno de Simone a si mesma)*

O silêncio está à espreita mas o barulho do mar não deixa que ele se instale.  
A praia está deserta. Ouço o som das ondas a rebentar na areia e a criar espuma à beira mar.

A maré está baixa.

Lembro-me de quando era criança preferir a maré assim.  
Talvez porque era muito difícil de me afogar...

Como me imaginam agora as pessoas que me conheceram em criança?  
Pergunto-me se ainda pensam em mim.  
Se se lembram de mim sequer.

Não podem, nem conseguem, imaginar aquilo em que me tornei.  
Que vergonha...

As que me conheceram hoje não se podem lembrar de mim, se eu própria não me lembro.

As ondas rebentam na areia. Chego a casa. Chego à calma.

Hoje sou um corpo. Duas pessoas dentro dele.  
São demasiadas as camadas entre nós, estamos demasiado afastadas. Estamos longe.

Encontrei-me. Reencontrei-me.

A ti, que ficaste, desculpa. Não houve nada que pudesse fazer.

Preciso agora, de ser toda.  
Preciso, agora, de não imaginar.

E tu, pára também de imaginar. Sou eu, agora. Sou eu, a Simone.  
A Simone.